

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAURICIO FERREIRA DE OLIVEIRA

**OS DESAFIOS DA JUVENTUDE DO MOVIMENTO SEM TERRA (MST)
NA LUTA PELO ACESSO À ARTE E A CULTURA: O CASO DO
ASSENTAMENTO ELI VIVE I (LONDRINA-PR)**

LONDRINA

2019

MAURICIO FERREIRA DE OLIVEIRA

**OS DESAFIOS DA JUVENTUDE DO MOVIMENTO SEM TERRA (MST)
NA LUTA PELO ACESSO À ARTE E A CULTURA: O CASO DO
ASSENTAMENTO ELI VIVE I (LONDRINA-PR)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso/da disciplina de Especialização em Educação no campo e Realidade Brasileira a partir de seus pensadores, Universidade Federal do Paraná UFPR- Setor litoral.

LONDRINA

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **MAURÍCIO FERREIRA DE OLIVEIRA** intitulada: **Os desafios da Juventude do Movimento Sem Terra (MST) na luta pelo acesso à arte e à cultura: o caso do assentamento Eli Vive I (Londrina-PR)**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 12 de Outubro de 2019.

ANDREA FRANCINE BATISTA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

ANA ELISA DE CASTRO FREITAS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MIRELLE GONÇALVES

Avaliador Interno

OS DESAFIOS DA JUVENTUDE DO MOVIMENTO SEM TERRA (MST) NA LUTA PELO ACESSO À ARTE E A CULTURA: O CASO DO ASSENTAMENTO ELI VIVE I (LONDRINA-PR)

Mauricio Ferreira de Oliveira¹

RESUMO

O seguinte trabalho propõe compreender e analisar as necessidades da juventude do Assentamento ELI VIVE I (Londrina/PR), relacionadas à escassez de espaços destinados a arte e a cultura voltados para a juventude do campo, visto a falta de alcance de políticas públicas estaduais e municipais de incentivo à cultura, bem como a falta de articulação interna da organização local do MST para o suprimento destas demandas. Este estudo é resultado de alguns apontamentos levantados pela Juventude do MST durante a realização do Inventário da Realidade, desenvolvido no Tempo Comunidade do Curso de Especialização em Educação no Campo e Realidade Brasileira através de seus Pensadores, iniciado em 2018 pela Universidade Federal do Paraná. O inventário foi constituído através de questionários aplicados aos moradores do assentamento (ELI VIVE I), buscando mapear o cenário social, econômico e também cultural da comunidade, que acabou apontando (na visão da juventude) a ausência da visão da cultura como necessidade da juventude local.

Palavras-chave: Juventude do campo; Juventude do MST; Arte e Cultura; Movimentos Sociais; Inventário da realidade.

¹ Email: oficinaarterelacional@gmail.com

ABSTRACT

This academic study aims to comprehend and analyze youth needs in the ELI VIVE I Rural Settlement (Londrina – PR). The scarcity of spaces for art and culture for the rural youth is highlighted, considering the lack of public municipal and state culture incentive policies as well as the lack of internal organization within the Landless Workers Movement (MST) to supply those demands. This study is based on observations shared by the Youth from MST collected through the reality inventory elaborated during the Community Phase of the Specialization Course in Rural Education and Brazilian Reality From Brazilian Perspectives, which was initiated in 2018 at the Federal University of Paraná (UFPR). The inventory included questionnaires with residents from the rural settlement (ELI VIVE I) to map out the social, economic and cultural scenario of the community, that lead to (based on the perspectives of youth) the lack of importance that culture is given, as a local youth need.

Key-words: Rural Youth; MST Youth; Art and Culture; Social Movements.

INTRODUÇÃO

As transformações na organização produtiva na contemporaneidade e o dinamismo das ações coletivas no campo, especialmente no Brasil, nos levam à necessidade de reflexão sobre as relações estabelecidas neste território. A presente pesquisa tem como objetivo colaborar com o entendimento acerca das dificuldades e potencialidades, posturas e posicionamentos, da juventude do assentamento Eli Vive I quanto ao acesso à arte e a cultura. Este assentamento é um território da luta pela Reforma Agrária desenvolvida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e encontra-se localizado no Município de Londrina, estado do Paraná.

Buscamos compreender a realidade a partir do olhar dessa juventude quanto às suas necessidades e preocupações, quanto à percepção de si mesma e da sociedade na qual está inserida. O objetivo, portanto, é refletir sobre os posicionamentos da juventude, colocando-os em diálogo com autores que trabalham os jovens do campo e a importância da cultura dentro dos movimentos sociais e dos territórios de reforma agrária.

Para tanto, utilizamos da análise documental, da pesquisa bibliográfica, e para a pesquisa de campo, a aplicação de questionários com alguns membros da juventude do assentamento.

Para que seja possível uma análise conjuntural dos conflitos e desafios da juventude presente no Assentamento Eli Vive I e em seu entorno, é necessário se perguntar: quem são os membros que constituem esta juventude? O que é ser juventude rural ou juventude do campo? Como é experiência da juventude dentro de um espaço de reforma agrária?

Todas essas questões são complexas, pois esse grupo apresenta como sua principal característica a heterogeneidade. Para tanto, os tópicos que seguem este artigo, apresentarão elementos para pensarmos as questões aqui levantadas.

1. ELI VIVE I: PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO ASSENTAMENTO E A CULTURA

Essa juventude, não homogênea, deve ser compreendida em sua pluralidade, pela presença dos seus diferentes membros e dos seus diversos recortes. Ela é composta por indivíduos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)², que estavam acampados em diversas regiões do Paraná e que tiveram a partir de 2013 a conquista pela terra efetivada, passando a ser integrantes e moradores do assentamento Eli Vive I localizado no Município de Londrina, norte do estado do Paraná.

Segundo o Projeto Político e Pedagógico do Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi (CEMARF), a origem do Assentamento Eli Vive I é no ano de 1991 quando cerca de 300 (trezentas) famílias, organizadas pelo MST ocupam a fazenda Guairacá. Após três meses de ocupação, as famílias foram violentamente despejadas, resultando em 30 (trinta) pessoas gravemente feridas e 16 (dezesesseis) pessoas presas. Em 2008 o proprietário da Fazenda Guairacá temendo novas ocupações e encontrando dificuldade de realizar a venda da propriedade, realizou uma oferta ao INCRA³.

Em fevereiro de 2009, 134 (cento e trinta e quatro) famílias ocuparam novamente a fazenda Guairacá para garantir a posse da área, enquanto o INCRA e o proprietário estavam em fase de negociação. Em um primeiro momento, vieram famílias dos acampamentos 1º de Agosto (Cascavel – PR) e Maila Sabrina

² Segundo o Dicionário de Educação do Campo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento socio-territorial que reúne em sua base diferentes categorias de camponeses pobres como parceiros, meeiros, posseiros, minifundiários e trabalhadores assalariados chamados de sem-terra, além de diversos lutadores sociais para desenvolver as lutas pela terra, pela Reforma Agrária e por mudanças na agricultura brasileira. O MST tem atuado incisivamente na busca de seus objetivos, uma história associada à luta pela Reforma Agrária e ao desenvolvimento do Brasil, mas que ao mesmo tempo busca reunir pautas fundamentais para uma transformação social de fundo.

³ O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) é uma autarquia federal, cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.

(Ortigueira-PR). Posteriormente, vieram famílias de outros acampamentos localizados nos municípios de Rio Branco do Ivaí, Porecatu, Cascavel, Santa Tereza D'Oeste, Lindoeste e Ibema.

Paralelamente, famílias dos municípios de Tamarana e Lerroville, a partir de uma Assembleia realizada na cidade de Lerroville com 1500 (um mil e quinhentas) pessoas, incorporaram-se ao acampamento localizado na Serraria, no município de Tamarana. No dia 17 de julho de 2010, às famílias de Tamarana e Lerroville, que até então estavam acampadas na Serraria, deslocaram-se para a área da Guairacá para se unir com as famílias de outros municípios do Estado que já estavam naquela área.

Assim, no dia 25 de agosto de 2010, se efetiva a aquisição da fazenda Guairacá com 5.822 hectares, e da fazenda Pininga com 1.487 hectares. O assentamento Eli Vive I somado ao Eli Vive II abrangem 7,3 mil hectares das antigas fazendas Guairacá e Pininga.

Deste modo, a área que anteriormente era controlada por apenas uma família, hoje é lar e fonte de renda de 541 (quinhentas e quarenta e uma) famílias. Cada uma destas famílias foi contemplada com um lote em média de 9 (nove) hectares. O nome escolhido para o assentamento faz referência a Eli Dallemole, um dos militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Paraná que foi assassinado em sua casa no Assentamento Libertação Camponesa (Ortigueira, região central do estado) em março de 2008.

Segundo o Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA), o Projeto de Assentamento Eli Vive I apresentou a capacidade para 426 (quatrocentos e vinte e seis) famílias, mas a população era de 1.078 (hum mil e setenta e oito) pessoas residentes. A média de pessoas por família corresponde a 2,61 indivíduos. Constatou-se que antes de se deslocarem para o assentamento Eli Vive, 317 (trezentos e dezessete e sete) titulares vinham do Estado do Paraná, 11 (onze) do Estado de São Paulo, 3 (três) do Estado da Paraíba e 2 (dois) residiam e trabalhavam no Paraguai.

O PDA ainda apontava que a maioria dos integrantes do assentamento já exerciam atividades agrícolas antes se deslocarem para este território, sendo elas de: diarista e trabalhador(a) volante na colheita de café, laranja, roçagem e

pastagem. Além destas, exerciam atividades urbanas, tais como: pedreiros, pintor, carpinteiro, pedreiro, marceneiro, tapeceiro, doméstica, faxineira, tratorista, eletricitista, etc.

No que se refere à faixa etária dos e das integrantes desse assentamento identificadas no ano de 2013, a predominância é de pessoas entre 41 e 60 anos, seguidas de pessoas entre 31 e 40 anos, e depois, de pessoas com idade entre 07 a 14 anos. Sobre a questão de gênero, o PDA revela que a população masculina é superior à feminina, representando 55,84% do total de habitantes, enquanto a feminina é de 44,16%.

De tal modo, é possível notar que o perfil dessa população assentada em relação a faixas etárias e gênero e às experiências profissionais disponíveis, influencia diretamente na divisão social do trabalho que se estabelece no cotidiano da vida neste território. Importante destacar aqui que, não diferente de outros territórios camponeses, as mulheres assumem os serviços domésticos, cuidados com a família, serviços na roça e ordenha, enquanto que os homens assumem o cultivo da lavoura, o manejo dos animais de produção, assim como se encontram à frente da comercialização da produção.

Diante disso, a divisão sexual do trabalho é capaz de demonstrar que as mulheres realizam uma dupla jornada do trabalho, pois além dos serviços domésticos, cuidados com as crianças e adolescentes, com a saúde da família e educação dos filhos, ainda realiza atividades na produção. Apesar dessas questões relacionadas ao tipo de trabalho, gênero e faixa etária, que são heterogêneas e sócio-culturalmente distintas, todas essas famílias estão unidas em razão da luta pela terra e na luta por direitos. Deste modo, em meio a tantas diferenças, todos pertencem à mesma classe, a classe trabalhadora, e possuem a mesma identidade, a identidade do povo sem terra. Uma identidade que não se estabelece por decreto ou pelo local de moradia, mas que é construída cotidianamente a partir das sínteses entorno das necessidades coletivas, da luta, da resistência, e da construção de um modo de vida, de uma nova cultura.

O Plano de Desenvolvimento do Assentamento em 2013 apontava que as maiores reivindicações do assentamento eram a conclusão do parcelamento dos lotes, seguida pela melhoria nas estradas, construção de moradias, acesso, e

distribuição de água. Não identificamos como uma demanda inicial do PDA, o acesso a cultura ou as produções culturais.

Os únicos apontamentos relacionados às manifestações culturais que são citadas no PDA encontram-se ligadas às manifestações culturais religiosas e à presença de grupos religiosos ligados às Igrejas Católica (309 famílias), Evangélica (78 famílias) e de religiões afro-descendentes como a Umbanda (7 Famílias). No documento, também foram citadas a presença de museus, festas e exposições no município de Londrina, que se encontra a aproximadamente à 57,6 km de distância do distrito de Lerroville.

Portanto, ao analisarmos a distância entre o distrito de Lerroville até o município Londrina, somada às condições das estradas rurais é possível visualizar o problema do difícil acesso a eventos culturais externos para as pessoas que habitam este território. A péssima condição das estradas, visto que a distância entre os lotes é grande, também se mostra como um empecilho interno para a realização de encontros, bailes, festas ou manifestações culturais dentro do próprio Assentamento.

Para que ocorrem melhorias na infra-estrutura básica no Assentamento, no dia 12 de setembro de 2018 cerca de 350 famílias ocuparam o pátio da Prefeitura do município de Londrina. Reivindicaram a melhoria de 107 km de estradas que possibilitam o acesso entre os Assentamentos Eli Vive I e Eli Vive II, além da demanda de construção de novos prédios para as Escolas do Campo e uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Porém as reivindicações não foram atendidas e a condição das estradas rurais continua sendo um empecilho no cotidiano dos assentados.

Segundo Bogo (2009), o acesso e a produção da cultura dentro do MST são essenciais em um território de reforma agrária. Para o autor, é na cultura que se dá a produção da vida social, através do trabalho, da construção de objetos, de costumes, de valores, conhecimentos, e da própria arte. De acordo com o autor:

Em sua origem, a cultura está vinculada ao cultivo da terra e, por decorrência, ao trabalho. Percebemos pela história que a divisão social do trabalho se deu justamente quando os seres humanos descobriram a agricultura e passaram a cultivar sementes. Da produção destas

sementes é que dependia a existência das comunidades primitivas. Então chegamos a uma conclusão muito simples: que cultura, trabalho e existência estão interligadas. Por isso definimos primeiramente a cultura como sendo tudo o que fazemos para produzir a nossa existência. (BOGO, 2009, p.21)

Nesse sentido, a cultura é o chão fundamental para resgatar a herança da identidade camponesa, e reconstruí-la numa perspectiva de resistência à influência e dominação autoritária de uma elite burguesa no campo.

Conforme Bogo (2009), a cultura para o MST é a chave para um processo de emancipação do ser humano, é capaz de transportar esse ser para a construção de um novo projeto de sociedade. O autor aponta algumas linhas políticas que devem nortear a formação da cultura, uma delas é que a arte e as expressões culturais estejam a serviço de uma educação crítica para os trabalhadores, para que estes possam realizar o enfrentamento à cultura hegemônica do capital. Assim, compreendendo cultura como toda produção humana material e espiritual, os Sem Terra possuem ferramentas para combater a alienação imposta pelas produções culturais da classe burguesa. Segundo o autor:

Ao fazermos as coisas também nos emocionamos, sentimos alegria, projetamos sonhos. Então a existência é produzida como emoção. Dizemos isso para confirmar que cultura para nós significa tudo o que pensamos, fazemos e sentimos repetidamente para produzir a nossa existência. (BOGO, 2009, p.22)

Esse pensamento aponta o quão é necessário que o espaço do campo seja o espaço também da cultura, não somente por meio do acesso à grande produção cultural e artística, mas que essa, caracterizada pela resistência da classe trabalhadora no campo, possa ser também a produção de uma nova cultura que possa ser democrática, emancipadora e camponesa.

É necessário, portanto, ações cotidianas e constantes para que essa nova cultura se efetive em suas diversas dimensões. E nesse sentido, de fundamental importância que o próprio Plano de Desenvolvimento do Assentamento possa expressar essa concepção, e desmembrar-se em ações mais incisivas.

2. A JUVENTUDE DO CAMPO NO ASSENTAMENTO ELI VIVE I

Ao observarmos o processo de formação sócio-cultural do campo no Brasil é possível notar que se constrói historicamente a partir de imensos conflitos. Desde o processo de colonização, passando pela promulgação da primeira lei de terras de 1850, pela consolidação do Brasil República, nos processos ditatoriais do Estado Novo (1935-1945) e da ditadura civil militar de 1964, todos esses momentos históricos foram marcados por conflitos territoriais.

A Revolução Verde, a partir da década de 1950, onde se intensificou o processo de mecanização da agricultura e do uso intensivo de insumos agrícolas, marca uma nova cara dos conflitos agrários, onde há uma gradual expulsão de pequenos camponeses de suas terras, inchando as periferias dos grandes centros urbanos.

No início de 1990 a produção capitalista se re-configura na forma neoliberal, e o modelo de produção agrária hegemônica passa a caracterizar-se pela alta produtividade dos latifúndios até então improdutivos, marcado pelo avanço do processo de mecanização, para a diminuição da participação do Estado abrindo espaço para a transnacionalização e financeirização da agricultura, legitimando assim o agronegócio⁴ em território nacional.

Se partirmos de uma perspectiva que o campo é um espaço de produção agrícola, econômica e social, também devemos pensá-lo como um lugar de produção cultural, mas para isto é preciso refutar a visão de que o campo é um lugar de atraso ou de contraposição à cidade moderna, urbanizada e desenvolvida, ou ainda que o campo é lugar dos grandes latifúndios monocultores do agronegócio, um lugar de pouca gente, ou de invisibilização de suas populações que ali vivem e produzem sua existência.

⁴ O termo *agronegócio*, de uso relativamente recente em nosso país, guarda correspondência com a noção de *agribusiness*, criada pelos professores norte-americanos John Davis e Ray Goldberg nos anos 1950. O termo foi criado para expressar as relações econômicas (mercantis, financeiras e tecnológicas) entre o setor agropecuário e a esfera industrial (tanto em relação a produtos destinados à agricultura, quanto ao processamento daqueles de origem agrícola), comercial e de serviços.

É necessário ver o campo como lugar de possibilidades, de produção de alimento saudável, de biodiversidade, de vida e de cultura, e por isso tão necessário estudos voltados para as juventudes presentes neste espaço.

A cultura e a arte fazem parte do processo de formação humana. São fundamentais em as faixas etárias e na diversidade presente no campo. Para Bogo é na arte e na cultura que aprendemos a observar e a sentir, e é através delas que aprendemos a reagir favoravelmente ou contrariamente a determinadas situações, chegando até a própria indignação para com as injustiças produzidas pelo sistema dominante.

Os estudos que envolvem o acesso à arte e à cultura para as juventudes do campo são de suma importância nesse sentido, pois, essas pessoas ainda estão no processo da construção de suas qualidades, personalidades e de suas relações sociais.

Assim, para compreender a juventude camponesa local e seus desafios, primeiramente será necessário um olhar mais amplo sobre a própria definição de juventude.

A palavra juventude é usada cotidianamente no senso comum, sem que haja uma reflexão mais profunda as múltiplas relações que envolvem seu sentido. Consideramos que há dificuldade em se categorizar com o uso de apenas uma palavra, um grupo tão múltiplo e diversificado de etnias, comportamentos sociais, raças, religiões e sexualidades.

Deste modo, é preciso pontuar que a juventude vive, constrói suas relações pessoais e produz a sua existência em determinados territórios, lugar onde produz suas identidades e cultura. Quando nos referimos à juventude do campo, é importante lembrar que estamos nos referindo à juventude oriunda da classe trabalhadora, uma juventude que vive e produz sua existência num lugar marcado por conflitos territoriais por terra, água, florestas, minérios. Uma juventude que sofre as privações de acesso à saúde, educação, e à arte, que necessita trabalhar para a geração da renda familiar, mas que não acessa condições objetivas para produzir sua própria renda. E ainda no caso de um movimento social, uma juventude que vivencia os conflitos agrários em suas mais diferentes faces, que

estão em processos de resistência, mesmo que ainda não estejam conscientes de sua plenitude.

No sentido de buscar uma definição mais adequada para a juventude do campo, recorreremos a estudo de algumas bibliografias. Segundo o Dicionário de Educação no Campo a expressão juventude do campo significa entre outros conceitos:

[...] sem dúvida, mais do que uma palavra. Ao acionar juventude como forma de definir uma população, um movimento social ou cultural, ao usar a palavra jovem para definir alguém ou para se auto-definir, estamos, também, acionando formas de classificação que implicam relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relações de poder. (CALDART, 2012, p.437).

Para a Caldart (2012) é fundamental a compreensão da juventude como uma variante social. A autora apresenta que, desde o século XXI, muitos trabalhos vêm tratando da juventude como uma categoria auto-explicativa, entendendo juventude como uma unanimidade, pautada em critérios como faixa etária e comportamentos. Foi só a partir das décadas de 80 e 90 que se iniciou o debate que compreendia a juventude em sua pluralidade, para além da questão da faixa etária. Para a autora, juventude é mais que apenas um termo, pois ao tentarmos definir juventude como um grupo, estamos de certa forma também classificando relações interpessoais, inter-classe, relações familiares e relações de poder.

De acordo com Luís Antonio Groppo, o qual corrobora com esta compreensão apontada pela Caldart, a juventude é uma realidade social, não apenas uma mera ilusão ideológica. A realidade apresentada por Groppo (2000) aponta a juventude não apenas como uma categoria de ordem biológica, mas principalmente como de ordem “social”, devendo ser entendida como uma série de nuances e não como uma definição universalizante. Percebemos estas características quando o mesmo afirma que:

Existe uma “condição juvenil” mais ou menos geral, que, dialeticamente, informa e resulta da criação destes grupos juvenis, destas juventudes. Trata-se de algo análogo ao que acontece com as classes operárias que, mesmo sendo muito diferenciadas entre si, pela presença de fatores como nacionalidade, religião, costumes tradições organização política, gênero e até mesmo as categorias etárias, têm em comum uma

“condição operária”, a saber, de serem vendedoras da sua força de trabalho. (GROPPO, 2000, p.12)

Faz-se necessário a compreensão da juventude não apenas como uma faixa etária e sim como uma categoria social, categoria na qual o indivíduo constitui através da socialização o seu processo de desenvolvimento para assumir no presente e no futuro a sua função social. De acordo com Groppo (2000):

Na segunda metade do século XX, num processo que teve os Estados Unidos como percursos, as sociedades modernas criaram, novas instâncias desta modalidade, as universidades massificadas e o mercado de consumo juvenil. Tais grupos juvenis e instâncias de socialização criaram a “realidade” social em que indivíduos com idades semelhantes vivem próximos, convivem juntos, ou no caso do mercado de consumo, pensam e se comportam de modo semelhante mesmo distantes no espaço. Mas é justamente dessa convivência forçada que nasce a possibilidade destes indivíduos criarem identidades e comportamentos e grupos próprios e alternativos às versões oficiais. O que se tem, portanto na história das juventudes modernas, é um percurso dialético, entre a institucionalização das juventudes e a possibilidade de sua autonomia (GROPPO, 2000, p.14)

Em relação à questão do trabalho na juventude, o território do campo, quando comparado ao das cidades, apresenta uma iniciação ao mundo do trabalho muito mais cedo, pois é fundamental para a sobrevivência no campo que todos os membros da família desempenham alguma função para geração da renda familiar.

Quando voltamos nosso olhar para o Assentamento Eli Vive I, levando em consideração esse adiantado do contato com o mundo do trabalho, e a falta de espaços destinados exclusivamente à socialização destes jovens do assentamento, podemos compreender as dificuldades latentes em sua organização para o surgimento de uma autonomia juvenil no que diz respeito a suprir suas próprias demandas. Essa juventude raramente ocupa o mesmo espaço físico, com exceção do espaço da Escola do Campo, localizada dentro do assentamento, um espaço de grande potencialidade para o acesso e à própria produção cultural.

3. A JUVENTUDE DO CAMPO E SEUS DESAFIOS EM RELAÇÃO À ARTE E À CULTURA

Com a intenção de compreender se haviam reivindicações coletivas relacionadas a essas questões da arte e da cultura por parte da juventude no território do assentamento, foi realizado no dia 12 de setembro de 2019 a aplicação de um questionário para alguns jovens moradores do Eli Vive I.

Foram 7 (sete) jovens entrevistados, estudantes do 3º ano Ensino Médio dos quais, 4 mulheres e 3 homens.

As questões elencadas foram: a) O que é cultura? O que é arte?; b) Na sua opinião, a juventude do assentamento Eli Vive I precisa de arte e cultura?; c) Hoje existem espaços de cultura a arte e cultura dentro do assentamento?; d) Na sua opinião, qual a maior dificuldade que a juventude encontra no acesso à cultura?; e) Você acredita que a condição das estradas é um empecilho no acesso à cultura?; f) Quais são os principais desafios que a juventude encontra em produzir espaços ou eventos culturais no assentamento? A sistematização geral destas entrevistas encontra-se como apêndice deste artigo.

De uma maneira geral a juventude entrevistada mostrou compreender a “Arte” como manifestações ligadas à dança, música, teatro, pintura, cinema. E em relação à “Cultura”, como costumes, histórias, esportes, religiões, modos de se vestir, alimentos e conflitos relacionados à conquista dos lotes.

Vejamos abaixo dois dos depoimentos coletados a respeito da compreensão de cultura na qual estão presentes os conflitos agrários, e a própria história que identifica um povo.

É um local ou um acontecimento que nos mostra que já aconteceu, com os conflitos a história até aqui para ganhar os sítios. (Entrevista com Jovem 01, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Cultura são costumes de um povo que conta a história deles ou um costume religião modo de se vestir os alimentos. [...]. (Entrevista com Jovem 05, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Com relação à questão sobre necessidade de arte e cultura direcionada para a juventude local, todos os entrevistados afirmaram que sim, alegando a falta de afazeres e de espaços relacionados às questões culturais e entretenimento voltado para os jovens. Vejamos abaixo alguns dos depoimentos que marcam esta posição:

Sim, para criar novas emoções como ir ao cinema, shows, teatros, eventos em si para nós poder sair da mesma e também eventos em nosso meio. (Entrevista com Jovem 01, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Sim, para podemos realiza atividades novas aprender outros tipos de esportes. (Entrevista com Jovem 02, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Sim, devido às dificuldades com a localidade isso não acontece e a falta de comunicação. (Entrevista com Jovem 05, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Sim precisa de arte, cultura por que temos que se comunicar com outras pessoas é por que nós não fazemos nada de diferente. (Entrevista com Jovem 07, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Podemos observar nestes depoimentos que apenas uma entrevistada indicou a possibilidade de produzir arte e cultura. Em suas palavras, produzir “eventos em nosso meio”.

A juventude apontou as igrejas (católica e evangélica), a escola, eventos comemorativos, e o baile (realizado sazonalmente no espaço da sede do Assentamento) como os únicos espaços lembrados por eles que são destinados à arte à cultura. O campo de futebol foi apontado por um dos entrevistados.

A identificação destes espaços como acesso à arte e à cultura, demonstra de alguma maneira a precariedade desse acesso e as escassas iniciativas em produzir expressões culturais e artísticas nesse meio.

Quando perguntados a respeito das principais dificuldades que a juventude encontra no acesso à cultural, as respostas foram: precariedade das estradas; a dificuldade do transporte; os horários das linhas de ônibus; e também a falta de comunicação e de organização dos jovens. Outras respostas também indicam dificuldades na construção e efetiva de projetos culturais, ou mesmo nas dificuldades de interesse por parte da juventude e dos adultos. Vejamos abaixo, alguns trechos de depoimentos nesse sentido:

É a falta de interesse dos jovens e também dos dirigentes a distância dos lotes, falta de projetos como, por exemplo, festas e torneios. (Entrevista com Jovem 02, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Estrada, espaço físico, falta de organização dos adolescentes e dos adultos. (Entrevista com Jovem 03, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Falta de comprometimento e interesse para realizar o evento. (Entrevista com Jovem 05, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Sobre a questão se a estrada era o maior empecilho no acesso à cultura, 03 jovens apontaram diretamente que sim, e outros apontaram a distância, a falta de verbas e os horários restritos do transporte, e a falta de interesse da comunidade como dificuldades e limitações.

A última questão referia-se aos desafios que a juventude encontra em produzir espaços ou eventos culturais dentro do Assentamento. Entre as respostas, destacamos: a falta de autorização concedida para juventude da utilização dos espaços de uso coletivo do Assentamento; a escassez do alcance de projetos estaduais e municipais de cultura; a ausência de um apoio financeiro da comunidade; o machismo; a falta de comunicação e de interesse da própria juventude foram na opinião dos jovens os maiores desafios que eles encontram para a produção de eventos culturais no assentamento.

Outros comentários apontam o não conhecimento de projetos e possibilidades que estão sendo realizados, e a própria dificuldade de auto-organização da juventude. Vejamos abaixo trechos dos depoimentos:

Os horários dos transportes e a falta de comunicação e muitas vezes não sabemos as oportunidades e projetos que estão sendo feito. (Entrevista com Jovem 02, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Bom o espaço que não temos, porque aqui só podemos fazer alguma coisa, e a falta de vontade dos jovens daqui. O machismo por que a mulher não é igual ao homem. (Entrevista com Jovem 04, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Falta de organização e comprometimento. (Entrevista com Jovem 05, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Os dirigentes dos acampamentos e a falta de organização dos jovens. (Entrevista com Jovem 06, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

Falta de comunicação porque muitas vezes não sabemos o que está acontecendo na comunidade. (Entrevista com Jovem 07, realizada em 12 de setembro de 2010 no Assentamento Eli Vive I)

A falta de comunicação entre a juventude aliada às novas tecnologias, trazem um desafio para a organização social do meio em que vivem, uma vez que sem o diálogo, os mesmos não conseguem colocar em pauta os problemas em comum que passam. Deste modo, torna-se difícil que os mesmos consigam buscar ou enxergar as soluções para os problemas existem no assentamento.

Entretanto, as novas tecnologias podem ser aliadas para os jovens se comunicarem de forma efetiva em prol da comunidade, debatendo e criando caminhos para possíveis resoluções dos problemas existentes. Portanto, para que isso possa se concretizar é preciso que a juventude crie autonomia.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos a complexidade de fatores que constituem a juventude do assentamento Eli vive I e seu contexto, foram traçadas algumas considerações que talvez possam colaborar para os processos de organicidade da juventude na formação ou organização de espaços para o suprimento de suas próprias demandas.

Foram apresentados alguns autores que pensaram as juventudes do campo modernas e contemporâneas. Buscamos aqui explicitar especialmente a visão da juventude enquanto coletividade reunida em grupos etários que não são homogêneos, mas diverso e repleto de inúmeras diferenças individuais. Também buscamos apontar alguns dos seus desafios coletivos para os avanços nas possibilidades do acesso e na construção de cultura.

Há grandes possibilidades de auto-organização da juventude através da cultura. A partir de grupos de jovens podem se desenvolver diversas atividades na produção cultural e artística, ou mesmo na organização de atividades artísticas e culturais dentro do assentamento. Outro espaço de grande potencialidade e que

pode atuar como impulsionador da socialização e da produção da arte e da cultura é a própria Escola do Campo.

Consideramos que um Projeto de Reforma Agrária Popular, pela sua característica de resistência às consequências do capital no campo, deve fundamentalmente atentar-se à cultura e a arte como parte da produção de uma nova forma de sociabilidade e de produção da vida. Elas podem contribuir para promover valores e identidades da classe à qual pertencem.

É no encontro, na coletividade e na produção de cultura que podem surgir o inconformismo, a insatisfação e a indignação, e podem instigar e movimentar o que só poderia ser uma acomodada integração entre os jovens. Os princípios da organicidade, auto-organização e da autonomia aparentam ser as ferramentas para o avanço nas demandas culturais e políticas dentro do assentamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGO, Ademar. O MST e a cultura. 3ª. ed. São Paulo SP: Expressão Popular, 2009.

CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; PEREIRA, Paulo Alentejano; FRIGOTTO, Gaudêncio. (orgs). Dicionário de Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *In: Revista do COGEIME*. V. 13, n.25. Piracicaba: Revista do COGEINE, 2004, p. 9-22.

INCRA. **Assentamentos – Informações Gerais**. *On-line*: Superintendência Regional Paraná – SR09, 31/12/2017. Disponível em: <http://painel.incra.gov.br/sistemas/Painel/ImprimirPainelAssentamentos.php?codsr=9&Parameters%5BPlanilha%5D=Nao&Parameters%5BBox%5D=GERAL&Parameters%5BLinha%5D=1>> Acesso em: 12/08/2019

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO ASSENTAMENTO. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Assentamento Eli Vive**. Londrina, Paraná: [s.n.], 2012.

SETOR DE EDUCAÇÃO DO MST. **Projeto Político Pedagógico**: Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi. Ensino Fundamental e Médio. Porecatu, Assentamento Eli Vive I: Setor de Educação do MST, 2018.

SILVA, Rogério Nunes da; CAPELO, M. R. C. Juventude do Campo e Políticas Públicas: algumas reflexões de um texto em construção. In: **Colloquium Humanarum**, V. 3. [S.l.]: [s.n.], 2005, p. 36-48. Disponível em: <file:///C:/Users/Andrea/AppData/Local/Temp/210-Texto%20do%20artigo-787-1-10-20061201.pdf> Acesso em setembro de 2019.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

1) O que é cultura para você? O que é arte?

Jovem 1: “É um local ou um acontecimento que nos mostra que já aconteceu, com os conflitos a história até aqui para ganhar os sítios”.

Jovem 2: “Arte é teatro, música, baile e cinema. Cultura é esporte, igreja, escola e baile”.

Jovem 3: “É dança, música, teatro etc”.

Jovem 4: “Teatro, música, dança, cinema”.

Jovem 5: “Cultura são costumes de um povo que conta a história deles ou um costume religião modo de se vestir os alimentos. Arte é tudo aquilo que foi criado pelo homem, casas, carros, festas, etc.”

Jovem 6: “Teatro, dança, música, cinema, pintura, fotos”.

Jovem 7: “Teatro, música (baile), cinema, campeonato, igreja (católica e evangélica), comida”.

2) Na sua opinião a juventude do assentamento Eli vive II precisa de arte e cultura?

Jovem 1: “Sim para criar novas emoções como ir ao cinema, shows, teatros, eventos em si para nós poder sair da mesma e também eventos em nosso meio”.

Jovem 2: “Sim, para podemos realiza atividades novas aprender outros tipos de esportes”.

Jovem 3: “Sim precisa porque aqui nós não temos coisas novas tipo cinema, chop essas coisas ai”.

Jovem 4: “Sim, porque aqui não tem muito coisa para fazer diferente, aqui não temos emoção de fazer nada”.

Jovem 5: “Sim, devido às dificuldades com a localidade isso não acontece e a falta de comunicação”.

Jovem 6: “Sim”.

Jovem 7: “Sim precisa de arte cultura por que temos que se comunicar com outras pessoas é por que nós não fazemos nada de diferente”.

3) Hoje existem espaços no assentamento de acesso à Arte e a Cultura?

Jovem 1: “Igrejas, escola, bailes e eventos comemorativos”.

Jovem 2: “Só tem baile e a igreja a escola”.

Jovem 3: “Sim por exemplo baile, escola, igreja, campo de futebol”.

Jovem 4: “Não só a escola quando vamos na igreja e nos bailes só isso que tem aqui”.

Jovem 5: “Alguns mais não são apropriadas para os eventos”.

Jovem 6: “Não somente a escola e a igreja (católica)”.

Jovem 7: “Escola, Baile, Igreja”.

4) Na sua opinião qual a maior dificuldade que a juventude assentada encontra no acesso à cultura?

Jovem 1: “A precariedade das estradas, os transportes com seus horários que não são favoráveis a comunicação”.

Jovem 2: "É a falta de interesse dos jovens e também dos dirigentes a distância dos lotes, falta de projetos como por exemplo festas e torneios".

Jovem 3: "Estrada, espaço físico, falta de organização dos adolescentes e dos adultos".

Jovem 4: "Os transportes, as estradas entre outros".

Jovem 5: "Falta de comprometimento e interesse para realizar o evento".

Jovem 6: "A falta de organização e a distância, a precariedade das estrada".

Jovem 7: "A falta de interesse dos jovens e as condições das estradas, distância e falta de comunicação e o horario dos onibus".

5) Você acredita que a condição das estradas é um empecilho no acesso a cultura?

Jovem 1: "Sim e não por que as estradas atrapalham mais a falta de transporte a distância".

Jovem 2: "Não porque também a falta de interesse e também a falta de verbas".

Jovem 3: "Não as estradas não são as estradas e sim a distância os horários etc.

Jovem 4: "Sim, porque as estradas são muito ruim e os horários dos transportes".

Jovem 5: "Não".

Jovem 6: "Sim".

Jovem 7: "Horário do transporte a falta de verba e a falta de interesse da comunidade.

6) Quais são os desafios que a juventude encontra em produzir espaços ou eventos culturais no assentamento?

Jovem 1: "Permissões para usar os espaços públicos do assentamento, desinteresse da juventude e apoio financeiro da comunidade".

Jovem 2: "Os horários dos transporte e a falta de comunicação e muitas vezes não sabemos as oportunidades e projetos que estão sendo feito".

Jovem 3: "Falta de espaço e de tudo".

Jovem 4: "Bom o espaço que não temos, porque aqui só podemos fazer alguma coisa, e a falta de vontade dos jovens daqui. O machismo por que a mulher não é igual ao homem".

Jovem 5: "Falta de organização e comprometimento".

Jovem 6: "Os dirigentes dos acampamentos e a falta de organização dos jovens".

Jovem 7: "Falta de comunicação porque muitas vezes não sabemos o que está acontecendo na comunidade.